

Ezio Manzini

# PROXIMIDADE HABITÁVEL

Ideias para a cidade que cuida



Blucher

# PROXIMIDADE HABITÁVEL

*Ideias para a cidade que cuida*

---

Ezio Manzini

*Tradução*

Gabriel Patrocínio

Título original: *Abitare la prossimità: Idee per la città dei 15 minuti*

Proximidade habitável: ideias para a cidade que cuida

Todos os direitos reservados. Tradução autorizada da edição de língua italiana publicada pela editora EGEA

© 2021 EGEA

© 2024 Ezio Manzini

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editores* Eduardo Blücher e Jonas Eliakim

*Coordenação editorial* Andressa Lira

*Produção editorial* Thais Pereira

*Preparação de texto* Helena Miranda

*Diagramação* Guilherme Salvador

*Revisão de texto* Mariana Naime

*Capa* Laércio Flenic

*Imagem da capa* Interpretação contemporânea do afresco Efeitos do Bom Governo na Cidade (1339), de Ambrogio Lorenzetti (c.1290-1348), por Matteo Manzini

## Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,

Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por

qualquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Manzini, Ezio

Proximidade habitável : ideias para a cidade que cuida / Ezio Manzini ; tradução de Gabriel Patrocínio. – São Paulo : Blucher, 2024.

176 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2072-5

Título original: *Abitare la prossimità. Idee per la città dei 15 minuti*

1. Planejamento urbano 2. Cidades e vilas – Cuidados I. Título II. Patrocínio, Gabriel

23-6354

CDD 711.13

Índice para catálogo sistemático:

1. Planejamento urbano

.....

## CONTEÚDO

Introdução	7
1. Trajetórias de proximidade	15
2. A cidade da proximidade	33
3. A cidade que cuida	67
4. Projetando para aproximar	111
Futuro próximo. Cidades de proximidade e plataformas digitais <i>Por IVANA PAIS</i>	149

.....

## INTRODUÇÃO

### 1.

Este livro é uma contribuição para a conversação social sobre as cidades e seu futuro.

O livro revive uma ideia que circula há algum tempo e que nos últimos anos tem recebido maior atenção: a de uma cidade de proximidade, em que tudo o que as pessoas precisam para o dia a dia está a poucos minutos a pé de onde elas vivem. Essa é também uma cidade em que a proximidade funcional corresponde à proximidade relacional, graças à qual as pessoas têm mais oportunidades de se verem, se apoiarem, cuidarem umas das outras e do meio ambiente e colaborarem para alcançar objetivos em conjunto. Em última análise, é uma cidade construída a partir da vida dos seus cidadãos e sobre uma ideia de *proximidade habitável*, em que as pessoas podem encontrar tudo o que precisam para viver, e fazê-lo em conjunto com os outros.

Esta cidade de proximidade, ou a “cidade dos 15 minutos” – como agora se costuma dizer –, propõe uma visão clara e simples do rumo a seguir, dando força à ideia. Mas a concretização dessa visão requer uma profunda mudança cultural e uma forte vontade política: é preciso romper definitivamente com uma concepção de cidade dividida em partes

especializadas e, como consequência, proceder a uma reorganização radical das infraestruturas e formas de governação existentes. Acima de tudo, exige o combate às desigualdades que caracterizam a sociedade e, portanto, também as cidades contemporâneas. A vantagem da proximidade não pode ser apenas uma prerrogativa de alguns bairros privilegiados, e sim estender-se a toda a cidade. Deve ser um direito de todos os cidadãos.

A questão subjacente colocada pelo livro é esta: podemos construir a cidade contemporânea a partir de uma nova ideia de proximidade? A resposta que o livro dá é sim, pode ser feito. E, acrescento, as inovações sociais dos últimos vinte anos nos dão uma indicação concreta de como fazê-lo – ou, pelo menos, por onde começar.

A história recente mostra-nos que, de várias formas e sobre vários temas, essas inovações podem gerar formas de comunidade e de proximidade que vão no sentido aqui indicado: comunidades ligadas a coisas para fazer juntos e lugares nos quais fazê-las; sistemas de proximidade abertos e dinâmicos em que se situam essas iniciativas, que, ao mesmo tempo, também colaboram para a regeneração das comunidades; proximidades híbridas, cuja existência depende em grande parte dos instrumentos digitais à sua disposição.

Por outro lado, se essas iniciativas concretizam a proposta da cidade de proximidade, a relação entre inovação social e proximidade também pode ser lida no sentido inverso: a cidade de proximidade pode tornar-se o horizonte comum para as mais diversas tipologias de experimentação que ocorreram nos últimos anos. Assim, poderia dar às cidades mais força e mais possibilidades de expansão.

## 2.

O tema das cidades de proximidade, na sua essência, não é novo: verifica-se que há cidades, ou, mais frequentemente, partes de cidades, que já se aproximam dessa condição (com a existência de bairros herdados do passado pré-moderno em que os limites dos transportes públicos significavam a demanda da proximidade de toda a vida quotidiana). Além disso, esse tema voltou a circular com diferentes nomes, e, atraídas por motivações ambientais (redução do trânsito e, portanto, da poluição) e sociais (luta

contra a solidão e pela qualidade de vida), algumas cidades lançaram projetos e programas baseados nessa ideia.

Diante disso, urge reavivar a discussão do tema à luz do que aconteceu nos últimos vinte anos, e do que ainda está acontecendo hoje. O pano de fundo é o indício crescente da interação entre a crise ambiental, com a necessidade de se questionar as formas e os tempos em que essa crise deve ser enfrentada, e a crise social, evidenciada pelo aumento da distância entre aqueles que acumulam riquezas e quem tem cada vez menos, evidenciando a necessidade de regenerar o tecido urbano.

Nesse contexto de dificuldade explodiu, então, a pandemia, com todas as implicações dramáticas que estamos vivendo. Embora ainda não possamos prever todas as consequências desse evento, o livro mostra alguns aspectos que já estão suficientemente claros. De fato, podemos ver que, em todos os lugares, a pandemia reacendeu a discussão sobre o futuro das cidades e, em geral, sobre as dimensões físicas e territoriais dos sistemas sociotécnicos. E isso não é tudo. É certo que a pandemia produziu mudanças de comportamento em uma escala e uma profundidade que antes seriam inimagináveis. Uma das mais evidentes é o deslocamento do centro de gravidade das atividades produtivas e de consumo para a dimensão digital, com parcelas crescentes de trabalho, estudos e entretenimento on-line, e com todas as implicações relevantes em termos de mobilidade cotidiana, relações sociais, assim como o uso das cidades e de seus serviços.

Perante esses fenômenos, a ideia de “cidade de proximidade” parece hoje extraordinariamente relevante: pode, de fato, ser uma orientação positiva e exequível para os desafios ambientais e sociais, como foram colocados muito antes da pandemia. Mas também pode ser a melhor proposta para a sociedade pós-pandemia e, em particular, para se opor à cidade emergente de “tudo em/de casa”: de fato, uma não cidade de indivíduos autoconfinados e isolados em suas casas, que, por conveniência, poderiam continuar a viver assim, mesmo quando já não é uma obrigação. Em última análise, a cidade da proximidade, onde tudo está próximo, pode ser a perspectiva que permite combater essa condição distópica, mas infelizmente muito poderosa e já amplamente operativa, de tudo em/a partir de casa.

## 3.

Portanto, o assunto não é novo: muito já foi dito e muitos estão discutindo. O que este livro acrescenta ao debate? Seu objetivo mínimo é contribuir para articular e aprofundar o tema da proximidade, mostrando como ele toca vários aspectos e diferentes dimensões das cidades e da experiência de seus cidadãos. A partir dessa motivação básica, surgem objetivos mais ambiciosos, que podem ser resumidos em três pontos.

O primeiro diz respeito à *construção de comunidades*. Muitos autores e escritos convergem para a ideia de que, em face das múltiplas crises que enfrentamos, é necessário restabelecer o tecido social e (re)construir comunidades.

Entretanto, uma vez definido esse objetivo, normalmente falta o passo seguinte, simples de enunciar, porém difícil de concretizar: como (re)construímos uma comunidade? E quando uma comunidade já existe, como podemos ajudá-la a se regenerar e a durar no tempo? Este livro tenta dar uma resposta, que, resumidamente, é a seguinte: uma comunidade não pode ser desenhada porque é uma forma social que emerge de múltiplos acontecimentos. O que se pode fazer é criar um ambiente adequado e, se necessário, produzir estímulos que gerem encontros e iniciem conversações dos quais possam surgir novas comunidades. Aqui entra em jogo a questão da proximidade: a experiência mostra que as comunidades precisam de um ambiente em que haja uma proximidade adequada, ou seja, um sistema de proximidade suficientemente diversificado e equilibrado entre as suas componentes funcionais e relacionais. Certamente, não há garantia de que, dadas essas condições, as comunidades serão realmente formadas. Mas podemos dizer, com o mesmo grau de certeza, que o conjunto dessas condições favoráveis, o qual chamamos de cidade da proximidade, torna mais prováveis o nascimento e a vida de novas comunidades. Então, voltando à questão inicial, em termos concretos, essas condições favoráveis elencam os componentes que devem ser projetados em uma cidade.

O segundo ponto está ligado ao primeiro e a como projetar uma cidade de proximidade com foco na *relação entre cidades, proximidade e cuidado*. Recentemente, muito se tem discutido sobre o cuidado, entendido como trabalho assistencial e outros modos de interação entre os seres humanos e,



em geral, entre estes e tudo o que compõe a rede da vida. Muito se discute sobre como e por que a cidade de serviços, como existiu até agora, é uma cidade que não cuida; uma cidade em que os habitantes não são mais vistos como cidadãos capazes de cuidar, mas apenas como (potenciais) usuários e clientes dos serviços. Este livro considera essas discussões e avança a hipótese de que, para regenerar uma cidade capaz de cuidar, é necessário desenvolver novas comunidades; e que, para isso, também é necessária uma nova geração de serviços: serviços colaborativos, distribuídos por todo o território local, que possam representar uma infraestrutura de estímulo e suporte para essas novas comunidades. A observação da inovação social diz-nos que esta pode ser feita operando simultaneamente em várias frentes: aproximar serviços e atividades aos cidadãos (*localização*); favorecer a construção de comunidades (*socialização*); ampliar a rede de atores envolvidos (*inclusão*); envolver atores inicialmente não considerados (*diversificação*); e ligar horizontalmente diferentes áreas de intervenção (*coordenação*).

O terceiro ponto diz respeito à *relação entre as dimensões física e digital da proximidade*. Há algum tempo se discute o caráter cada vez mais híbrido – físico-digital – do espaço em que atuamos e como o grande experimento social imposto pela pandemia acelerou esse processo. O livro assume que hoje não podemos falar de proximidade, comunidade e cuidado sem levar em conta esse fator. A proximidade, a comunidade e o cuidado, apesar de estarem enraizados no mundo físico, têm uma componente digital cada vez mais importante, e já não poderiam existir sem ela. Por outro lado, essa componente digital, hoje amplamente representada pelas diferentes formas de plataformas, não é neutra. Cada plataforma suporta atividades, mas possui características que, de fato, orientam as atividades que ela possibilita. É por isso que as plataformas devem ser concebidas com uma ideia clara do tipo de atividade que se pretende promover e apoiar, assim como as formas sociais cuja emergência se pretende ver. Esses temas são aprofundados no ensaio de Ivana Pais, que encerra este livro.

#### 4.

A cidade é um organismo complexo. Para falar dela, devemos adotar diferentes pontos de vista, incluindo visões que a mostrem de cima, como um

todo, e uma visão que parta de dentro. Este livro adota a segunda, que é a visão dos cidadãos. Essa perspectiva do olhar interior também é indispensável se quisermos falar verdadeiramente de proximidade e cuidado.

Por outro lado, como tudo o que podemos dizer sobre essas questões depende do contexto a que nos referimos, para falar do tema tive de fazer algumas escolhas. E escolhi casos situados nos contextos que melhor conhecia, principalmente Milão e Barcelona. Em ambas as cidades, muito se tem feito sobre o tema aqui discutido. Mas, certamente, poderia ter encontrado bons exemplos também em outros lugares: de Turim a Copenhague, para ficar dentro da tipologia clássica das cidades europeias; ou de Nova York a Xangai, ou a Seul, para me abrir a outras formas e histórias urbanas; ou poderia ter falado da densidade e da proximidade das favelas do Rio ou das favelas de Nairóbi. Cada cidade teria sua própria história para contar, mas eu não teria experiências diretas suficientes para fazer isso, então deixo essa tarefa para outros.

No entanto, uma vez reconhecida a inevitável especificidade de cada caso, bem como os limites daquilo que pode dizer a outros noutros contextos, creio que, se soubermos reconhecê-los e interpretá-los, cada caso tem algo a ensinar a todos, aplicável a cada circunstância. Referir-se às cidades europeias para discutir a proximidade certamente pode ser visto como a escolha mais fácil: se comparadas a cidades com alta densidade vertical (cidades de arranha-céus) ou com baixa densidade (cidades de subúrbios) ou cidades informais (favelas), as cidades europeias parecem intrinsecamente mais próximas da proposta de uma cidade de proximidade. Assim, enfocá-las a partir dos casos de referência significa fazer a escolha mais fácil. Isso é verdade. Se, no entanto, é preciso quebrar um modelo cultural e operacional consolidado como o da cidade das distâncias e, ao mesmo tempo, desviar a tendência em curso para as não cidades do tudo em/de casa, essa parece ser a escolha mais razoável: se a tarefa é difícil, convém começar de um ponto que seja (relativamente) fácil. Aliás, se é verdade que nas cidades a que nos referimos existem (ainda) alguns bairros ricos em atividades e serviços de proximidade, essa qualidade está há anos sob ataque. Assim, é necessário fazer algo para inverter os processos de desertificação social em curso e desencadear a evolução do que resta de proximidade pré-moderna, que ainda os caracteriza, para formas de proximidade contemporâneas. Isso

não é tudo: se é verdade que em alguns bairros históricos dessas cidades o sistema de proximidade é bastante diversificado e relacional, há outros em que isso não acontece de todo. Nessas mesmas cidades, o desafio é, portanto, estender a ideia de cidade de proximidade a todo o território urbano, incluindo as partes em que isso se revela mais difícil.

## 5.

O livro está dividido em quatro capítulos, além de um substancial ensaio final de Ivana Pais.

O Capítulo 1 apresenta os outros três, discutindo o tema da proximidade, considerando seus diferentes significados e a dinâmica de sua evolução atual. O Capítulo 2 fala da cidade e da sua evolução, considerando-a do ponto de vista das formas de proximidade que nela se encontram: a cidade como mistura de sistemas de proximidade. Apresentam-se três cenários: a *cidade das distâncias*, como cenário das cidades que o século XX produziu e nos legou, e dois novos cenários que hoje se confrontam, o da *cidade do tudo em/de casa* e o de a *cidade da proximidade*. O Capítulo 3 discute a relação entre cidades, proximidade e cuidado, considerando este último como uma forma de interação – entre as pessoas e entre estas e o mundo – sobre a qual se deve basear a construção das cidades de proximidade. O livro assume que a chamada cidade dos serviços se tornou a cidade sem cuidados (*city without care*) e atribui esse resultado à forma como os próprios serviços foram concebidos e executados. A partir daí, indica duas estratégias complementares para contribuir na construção da cidade de proximidade como uma cidade do cuidado (*city of care*). O Capítulo 4 aproxima-se do cerne de todas as propostas anteriores, ou seja, se e como é possível desenhar novas comunidades que sirvam de base para todas as possíveis cidades de proximidade e de cuidado. A observação atenta de dois casos permite reconhecer a tessitura de projetos, de diferentes naturezas e escalas, de que são constituídas estas comunidades e dos quais se alimentam para perdurar no tempo. A partir desses casos, este livro discute de forma mais geral as implicações em termos de estratégias de design.

O ensaio final de Ivana Pais introduz e discute o tema das plataformas digitais para as cidades, mostrando a sua complexidade, a sua evolução no

tempo e a contribuição que, se bem concebidas, poderiam dar à cidade de proximidade.

## 6.

O conteúdo deste livro é o resultado de muitas histórias que se juntaram antes e durante o processo de escrita: do autor e suas experiências sobre o tema do design para a construção de cidades nos últimos anos em muitas cidades do mundo e, em particular, em Barcelona e em Milão; de Ivana Pais, com quem a ideia deste livro nasceu durante uma conversa em um bar em outubro de 2020; de Giordana Ferri, com quem discuti o tema da proximidade habitável e com quem, em novembro de 2020, organizei uma iniciativa com o mesmo nome; de Davide Fassi, que muito generosamente me apresentou um dos casos mais úteis para colocar em foco as ideias propostas neste livro; de Lekshmy Parameswaran e Julia Benini, com quem organizamos um evento sobre comunidades de cuidado; de Hilary Cottam e Lluís Torrens, que ajudaram a preencher esta obra de conteúdo. Por último, há o encontro com Albert Fuster, Roger Paez e muitos outros colegas da Elisava, com quem trabalhei durante três anos em Barcelona na questão do desenho das cidades.

Um livro é também a sua imagem de capa, que, neste caso, surgiu de uma conversa com o meu filho Matteo, que nos presenteou com uma interpretação contemporânea da Alegoria do Bom Governo: o grande fresco do Palazzo Pubblico de Siena em que, setecentos anos atrás, Ambrogio Lorenzetti retratou muito do que deveria ser feito hoje, realização para a qual este livro pretende contribuir.

Finalmente, um livro é um livro. É um produto, resultado do trabalho de um grupo de pessoas que decidem investir em uma ideia e transformá-la em um livro de verdade. Nesse sentido, agradeço a Alessia Uslenghi, Cinzia Facchi e Cristina Casati da Egea pela confiança, flexibilidade e contribuição profissional que deram para o sucesso deste projeto.

Este livro é uma contribuição para um diálogo social sobre a cidade e o seu futuro, a partir da ideia de uma cidade de proximidade funcional, em que tudo está a poucos minutos a pé de onde se vive. Soma-se a isso uma proximidade relacional, com mais oportunidades de se encontrar, apoiar, cuidar uns dos outros e do meio ambiente e colaborar para alcançar objetivos comuns. No fundo, é uma cidade construída a partir da vida dos cidadãos e de uma ideia de proximidade habitável. As inovações sociais dos últimos 20 anos indicam por onde começar: Paris, Barcelona e Milão deram passos nessa direção, e oferecem exemplos concretos. Inovação social, cuidado, bens comuns, comunidades de lugar e plataformas digitais são as palavras-chave para uma nova e ampla prática social de design.

ISBN 978-85-212-2072-5



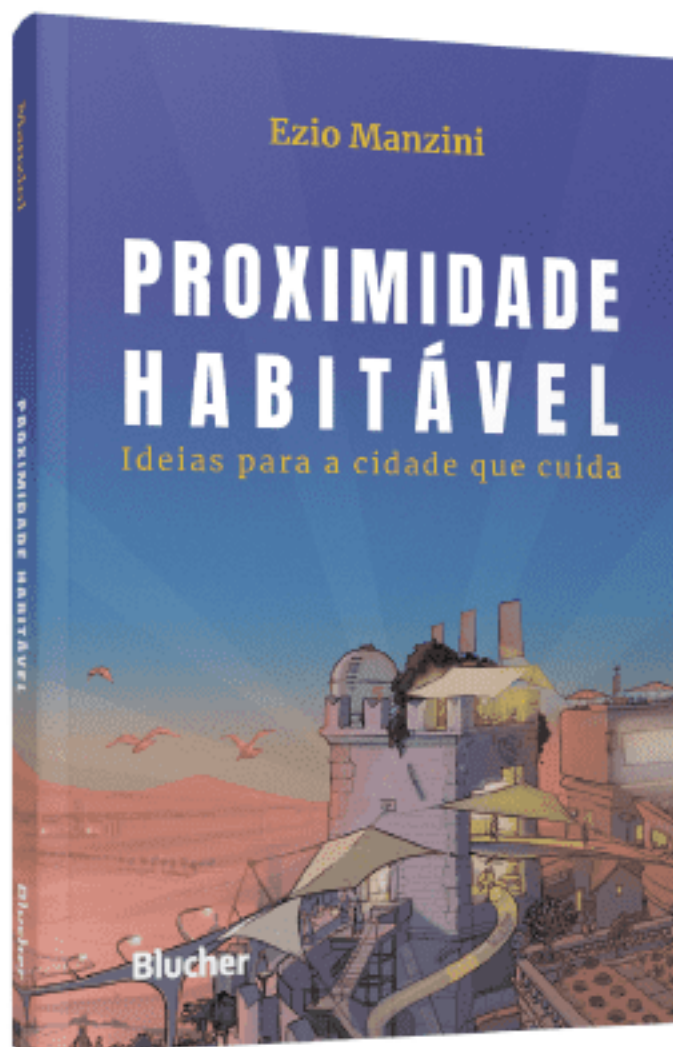
9 788521 220725



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**





Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Proximidade habitável

Ideias para a cidade que cuida

---

Ezio Manzini

ISBN: 9788521220725

Páginas: 176

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024

---